O Poeta Mário Linhares

Manoel Albano Amora

O dia presente é dedicado pelo Instituto do Ceará à celebração de um centenário.

Lembrar ou esquecer? Dói recordar um amigo meu querido, egresso da vida material, trazer de novo à mente a sua fisionomia, os seus gestos, o seu modo de falar, as conversas, velhas cenas, as gentilezas dele recebidas. Esquecê-lo, porém, seria insensibilidade ou ingratidão. Não. Não vou ser biógrafo nem memorialista. Falarei, sim, do amigo Mário Linhares, mas na sua principal feição, a de poeta. É certo que, a cada instante, o poeta e o homem se encontram.

Crítico, historiador, genealogista, porém sobretudo poeta, foi o que, a seu respeito, sentenciou o eminente escritor Raimundo Girão.

Mário Linhares, fortalezense, pertencente a uma família de projeção social, perdeu o pai nos primeiros anos de vida, foi assistido por um tio, exerceu na mocidade a profissão de Caixeiro de farmácia, tornou-se depois alto funcionário público, residiu em diversas cidades do Brasil, fundou e prestigiou sociedades culturais e revistas de letras e se consagrou como um das mais importantes figuras do Ceará mental, produzindo valiosa bibliografia.

Animava-o o ideal do amor da Beleza literária e o amor da Gleba do Ceará, amores esses referidos pelo ensaísta de **Geografia Estética de Fortaleza** a propósito da cultura cearense.

Numa das suas quatro biografias de Castro Alves, aludiu Pedro

Calmon ao "mundo encantado da literatura".

Nesse mundo, o que há de mais fascinante é a poesia.

A poesia é, na concepção tradicional, uma forma especial de linguagem, que se distingue da prosa, segundo Antônio Soares Amora, pelo ritmo melódico e as combinações sônicas.

É uma síntese luminosa, por dizer mais, com economia de palavras, do que a prosa.

Para Frederico Garcia Lorca, que falou poeticamente, "todas as coisas têm o seu mistério e a poesia é o mistério de todas as coisas". Mistério que está contido na estesia do verso.

Ela, a poesia, de acordo com um aforismo, é a flor das letras.

Existem, diz Paul Sourian, em **La Rêverie Esthétique**, uma poesia interior, uma poesia da natureza, uma poesia na arte e a poesia literária, que é a grande poesia.

De todas as artes, assinala Eugène Verón, ela tem o privilégio de exprimir diretamente pensamentos e de se dirigir sem intermediários à inteligência.

Reinwald manifesta que a poesia se presta facilmente à conjugação da idéia e do sentimento.

De um estado da alma, de **rêverie** consciente, nasce o poema.

O poeta, artista do verso, mensageiro espiritual, chegou ao convívio dos outros homens para um altíssimo mister. É esse o seu destino.

A poesia literária possui valor intrínseco, com o conteúdo e a forma, independentemente de escolas, trovadoresca, clássica, romântica, parnasiana, simbolista e modernista.

Um dos momentos áureos da poesia foi, sem dúvida, o do parnasianismo, iniciado na França por Théophile Gautier, e que, no Brasil, teve como expoentes Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Raimundo Correia e Vicente de Carvalho.

Sucessor do romantismo, que se caracterizava pela liberdade criadora, dando ênfase ao sentimento e à imaginação, o parnasianismo, fruto ou imanação do realismo, devia exprimir a beleza, fazer a "arte pela arte" e em forma perfeita.

Em livros e periódicos foi vultosa a produção dos parnasianos brasileiros, no Rio de Janeiro e nos Estados da federação.

Nesta terra de bons poetas, o Ceará, teve destaque Mário Linhares, de inegáveis faculdades poéticas, universalista e intimista, que o historiador e crítico Sânzio de Azevedo incluiu no elenco dos seguidores de Gautier. Mas, é sempre atual o conceito do saudoso Otacílio

Colares, de que todo poeta tem algo de romântico e algo de simbolista.

Mário deu início à sua jornada lírica, de modo afirmativo, com o livro **Florões**. Como poeta viveu, lançando à publicidade, no decorrer dos anos, **Evangelho Pagão, Culto Cívico, Poesias, Ascensão** e **Contas Sem Fio**. Poeta é o seu nome, como de si próprio diria Miguel Torga. Entanto, não teve "áspero destino" nem foi um "fingidor".

Tinha como divisa:

A poesia é o supremo dom
Que Deus me concedeu para ser bom.

Sabia unir a beleza à bondade.

O soneto, a bela composiaço poética de quatorze versos e uma "chave de ouro", que o gênio italiano concebeu, foi objeto da preferência de Mário Linhares. Com ele, o seu lavor literário alcançou o grau mais elevado, dentre outros trabalhos rimados e metrificados.

A natureza, a divindade, os valores humanos foram motivos que o inspiraram no seu afã, que era o de versejar.

Como se desempenhou, nos sonetos, esse esteta, colocado por Sales Campos na primorosa coletânea **A Poesia Cearense no Centenário**, ao lado de José Albano, Antônio Sales, Cruz Filho, Júlio Maciel, Padre Antônio Tomás, Otacílio de Azevedo, Carlos Gondim, Soares Bulcão, Alfredo Castro, Epifânio Leite, Antônio de Castro e Leão de Vasconcelos? Na qualidade de sonetista exímio, é a resposta, citando-se, de logo, "Antífona", "Lendo Bilac", "A Grande Musa", "No Alto", "A Jangada" e "A Seca".

"Antífona", obediente ao sentido da "Profissão de Fé", de Olavo Bilac, Príncipe dos Poetas Brasileiros, o qual, por sua vez, se inspirava em Theóphile Gautier, é escrito, excepcionalmente, de modo rígido e preciso, figurando como título de adesão ao novo credo artístico, como se vê:

Antífona

Musa, chega-te a mim! Despe o manto inconsútil
E, com a nudez pagã de uma Vênus de Milo,
Modela a frase heril no mármore do Estilo,
Na harmonia orquestral da estrofe egrégia e dútil.

Traze a tua energia ao meu esforço inútil
Dando a cada hemistíquio a sonância de um trilo
E faze imune para o Verso que burilo
À baba do Invejoso é a crítica do Fútil.

Toma do bloco informe e empunha, em febre, o escopro,
Talha, esculpe, lapida o busto da Poesia
E anima-o triunfalmente ao teu divino sopro.

Se, como Pigmalião, – dados todos os traços –,
Não lhe poderes dar Alma, Vida e Energia,
Parte a escultura vá desfeita em mil pedaços!

O Príncipe Olavo Bilac, inimitável e verdadeiramente imortal, era o grande mestre do cinzelador de **Florões**, que o exaltou, num preito de louvor e de admiração:

Lendo Bilac

Mestre: leio-te e cada estrofe é um chípreo vinho
Capitoso que a minha alma de artista embriaga...
Em cada verso heril como que ulula a vaga
De um mar estranho e a voz de um vento em redemoinho.

O espírito palmilha o encantado caminho
De ignota selva: o sol entre os ramos se apaga...
E das aves em coro assiste à orquestra maga
E ouve gritos de amor dentro de cada ninho. –

Descem do firmamento as estrelas em bando
Aos hemitiquios de oiro e, em revoada, os Desejos
Bailam e a Volúpia estruge entre as rimas bramando.

Teu estro às vibrações do universo se guarne:
– Os astros vibram no ar o epinício dos Beijos
E a natureza entoa a epopéia da Carne!

A poetisa Amélia de Oliveira, noiva desprezada do burilador de "Via-Láctea", também recebeu a sua louvação:

A Grande Musa

Lendo os versos de Amélia de Oliveira,
A grande musa de Bilac – eu penso
Nesse drama imortal do amor imenso
Que a alma lhe sublimou a vida inteira.

Tem seu estro a fragância verdadeira
Das lindas rosas de um jardim suspenso
E, entre volutas místicas de incenso,
Sua imagem reluz doce e faguéira.

Santificando a [illegible]
De si mesma, nimb[illegible]
De uma afeição român[illegible]

Mesmo assim, nestas páginas sentidas,
Revive a flor das ilusões perdidas
À luz da glória do seu grande Poeta.

Imerso em nuvens do sonho, como todos os aedos, e nos belos dias, Mário buscou novos mundos, ao compor:

No Alto...

Para fugir do pântano medonho
Desta vida de lama e de miséria,
Ascendo, às vezes, à região sidéria
Ruflando as asas pálpitas do Sonho.

Subo exul como um pássaro risonho
Livre do tegumento da Matéria:
E a alma se alando, vaporosa e aéria
Vai-se do mundo insípido e tristonho...

No alto, as asas vibrando atinjo o espaço
E, com os astros confudido, pelas
Esferas de ouro, o mesmo ciclo traço.

E poiso, – longe das brutais paixões, –
No seio carinhoso das estrelas,
Ao calmo brilho das constelações.

Versos primorosos, nem todos sonetos, da lira linhariana, são, consoante o juízo de Henrique Castriciano, "Selemnia Verba", "Minha Filha", "Canção do Exílio", "Praia do Meio" e "Renascimento". Também elogiável é "Morte de Iracema", um poema longo sobre a lenda alencarina, descritivo, telúrico, emocionante.

O amor da Beleza literária é evidente em toda a sua poesia. Não seria ele poeta se assim não acontecesse. Mas, a palavra referente a "qualidade do que é belo", "agradável à vista ou ao ouvido", figura, grafada com maior realce, em "Prelúdio", "Ser Poeta" e "Festa da Vida". É o que se conclui de partes dos poemas e de todo o soneto recém-mencionados.

Em:

Prelúdio

Na exaltação febril da minha alma de moço,
Alto, o pletro vibrei, no indômito alvoroço
De cantar os ideais da Beleza e do Amor!

No:

Ser Poeta

Dentro de cada verso
O homem vive em contacto com o Universo,
Pela energia cósmica do gênio
Nos êxtases do sonho e da Beleza!

Igualmente em:

Festa da Vida

Simplifica, a sorrir, tua existência.
Vê, em tudo, um motivo de alegria.
E, assim, na paz da tua consciência
Faze da Fé teu pão de cada dia.

E conserva em perpétua adolescência,
Ungidos de esplendor e de harmonia,
Teu coração e tua inteligência,
Dentro do Sonho excelso que te guia.

Homem! Repara como, à luz da aurora,
Na aleluia sem par da Natureza,
Tudo, em redor, de júbilo se enflora.

Sim, tudo nos desperta e nos convida
Para o Bem, para a Luz, para a Beleza
Da grande festa espiritual da Vida.

O beletrista esmerou-se no amor da Gleba cearense, compondo "Canção do Exílio", "Na Serra", "Canção da Ausência" e "Guaramiranga". Ternura e nostalgia ressaltam das rimas ricas, dedicadas e evocativas de uma província gloriosa e amorável, de uma cidade formosa e estimada e de uma vila paradisíaca, das quais se encontrava sempre longe. Adotara, aliás, como símbolo do seu cearensismo a quadra, muitas vezes repetida:

Aquela augusta paisagem
Da ponta do Mucuripe
Vive em mim! Guardo-lhe a imagem!
Não há força que a dissipe...

Eis, em parte, a:

Canção do Exílio

Aqui, longe do lar, nesta existência sombria
Na reconcentração do meu ser de exilado,
Brota-me nalma a flora de estranha nostalgia,
– Santa recordação do meu berço adorado.

E quêdo e triste, a sós medito e a fronte curvo.
E a cada hora me vem ao cérebro a lembrança
Desse tempo feliz em que escutava, criança,
A condoreira voz do mar convulso e turvo.

. . . . . .

Hoje, no exílio, assim minha alma, às tontas, erra
Aos elos de fatais flagiciamentos presa,
– Longe da ardente luz do sol da minha terra,
Do claro azul do céu da minha Fortaleza.

Nunca mais pude ouvir o módulo gorgeio
Dos pássaros na fronde em flor dos cajueirais,
E, à noite, o vento aos quais como o corcel sem freio,
Enrugando o lençol dos brancos areiais.

Nunca mais pude ouvir a heróica salmodia
Do mar, lançando ao céu alvos risos de espumas,
E ver, flava, surgir dentre o frouxal das brumas
A excelsa aparição deslumbrante do dia.

Pátria da luz, torrão do amor, terra da glória,
Setestrelado céu de gerações de heróis,
As folhas imortais da tua grande história
Brilham mais que o fulgor dos teus rútilos sóis.

Assim é, parcialmente:

Na Serra

. . . . . .

A natureza em festa

Em tão clara manhã,
Numa alegria rútila e louçã
Numa doçura límpida e bendita,
Canta, estremece, ri, freme e palpita
Pelos gorgeios trêmulos das aves,
Pelos marulhos quésulos e suaves
Dos lámures regatos, pelo aroma
Grato e sutil das entreabertas flores,
Pelo régio clarão do sol que assoma
Vitorioso e opulento,
Cataclismando o azul do firmamento
Com um dilúvio de mágicos fulgores!

A vida, aqui, é plácida e fagueira:
– Logo cedo o campônio, enxada às costas
Desce, cantando, as íngremes encostas
Em busca do trabalho.
Em casa, em seu humílimo agasalho,

A doce companheira
Lida com a meninada
Que trêfega e vadia
Brinca e sorri, em pálpita alegria,
À rútila fulgência da alvorada!

À tarde, quando o sol vai declinando,
Desce, festivamente,
As híspidas estradas
O alvissareiro e sorridente bando
Das frescas e robustas raparigas,
Ora soltando estrídulas risadas,
Ora trauteando límpidas cantigas,
E passando rechãs e subindo altos,
Vencendo riachos e transpondo veios
E abruptos acantis...

Agora, a:

Canção da Ausência

Dentro da minha saudade,
Revejo-te, ó Fortaleza,
Qual a mais linda cidade,
Cheia de elísia beleza.

O cortejo das jangadas,
Nas belas tardes de estio,
As ondas escalpeladas
Afronta do mar bravio.

Aquela augusta paisagem
Da ponta do Mucuripe
Vive em mim! Guardo-lhe a imagem!
Não há força que a dissipe...

Há muitos anos eu vivo
Distante da minha terra,
Sempre saudoso e cativo
Dos encantos que ela encerra.

O mar estruge na praia
Como um leão eriça a juba
E vibra a voz da jandaia
Nos leques da carnaúba...

Céu sempre azul. Raia o dia
Num deslumbrante arrebol!
Tudo freme de alegria
Sob o ouro fluido do sol!

À noite, no firmamento
O teu luar aparece
Qual visão de encantamento
Nos teus enlevo de prece.

Por toda a pompa suprema
Que tudo enleia e seduz,
É que o berço de Iracema
Se fez a – Terra da Luz!

Tangido pelo destino
Hoje vago em terra alheia,
Ai, meus sonhos de menino
– Castelos feitos na areia...

No meu anelo mais pulcro
O que sempre exoro a Deus
– É que eu tenha o meu sepulcro
Sob o azul daqueles céus.

E:

Guaramiranga

Guaramiranga, como eu te revejo
Através dos meus tempos de menino,
Quando o sol com seu halo matutino
A serra afaga em luminoso beijo!

E cuido ouvir o repicar do sino
Da igrejinha de Lourdes, no festejo

Dos seus dias maiores, quando um hino
Vão os fiéis a cantar em seu cortejo.

Abrem-se os laranjais pelos caminhos
E, aos gorgeios de amor dos passarinhos,
Paira em tudo um divino encantamento.

A saudade revive a adolescência,
A quadra mais feliz desta existência
Como visão fugaz do pensamento!

Veio o exilado saudoso, certa vez, visitar a urbe natalícia, deixando no papel comovidas impressões:

Fortaleza

Depois de tantos anos de saudade
Eu vim rever a minha Fortaleza
Que, em sua natural simplicidade,
Tem a fascinação de uma princesa.

O mar aos pés da lírica cidade
Canta um hino vibrante de beleza!
No céu azul a luz do céu invade,
Num banho de ouro, toda a natureza.

O cortejo sereno das jangadas
Enche de festa a praia de Iracema,
Ao fulgor tropical das alvoradas.

Terra da Luz, tens o condão divino
Que faz da Dor teu imortal poema,
Para glória maior do teu destino!

Se, com justiça, Paula Ney deve ser considerado o cearense mais apaixonado pelo seu torrão ("pelo Brasil eu morro, mas pelo Ceará eu mato"), abaixo dele ficam logo Antônio Sales, Rodolpho Theophilo, Gustavo Barroso, Júlio Maciel, Humberto de Alencar Castelo Branco, Joaquim de Sousa, Felino Barroso, Heráclito Domingues e Mário Linhares.

Discípulo de Bilac, Mário, nos primeiros tempos, metrificou "No

Banho" e "O Beijo de Eunice", muito ardorosos, mas foi místico em "No Horto", "Jesus Crucificado" e "Santa Teresinha". Este último aspecto explica o seu entusiasmo por Durval de Morais, o grande poeta cristão.

Naquela fase onírica, a da mocidade, enfeitiçou-se pela moça de nome Angélica. Uma pianista. Casou com ela. Houve duas liras engastadas no seu coração.

Não apenas sonetista, e poemista, na acepção restrita, mas também como trovador deve ele ser reconhecido. Muitas trovas têm a sua assinatura:

Vezes a trova singela
Mais do que um poema irradia,
Na sua expressão mais bela,
Toda a flama da poesia...

Neste mundo de martírios
Onde tudo vai de rastros,
Deus fez o beijo dos lírios
Para o sorriso dos astros.

O amor é intérmino oceano
Rugindo de encontro às fráguas
– E o coração singra ufano
O vasto campo das águas.

Não te entregues ao fervor
De uma paixão cega e forte
– Mais profundos que os da Morte
São os mistérios do amor.

Saudade – orvalho que desce
À flor murcha da ilusão
É estrela que resplandece
Nas noites do coração.

Meritória é a sua literatura amena. E as suas obras mais primas são "A Jangada" e "A Seca".

"A Jangada" (paisagem cearense), reproduz um quadro típico do nosso cotidiano, a embarcação singrando os "verdes mares", vista da praia plantada de coqueiros. E, então, sobressai o destemor do ma-

meluco desafiador do oceano.

"A Seca" é um painel do martírio da terra e do homem no nosso ensolarado rincão, pintado com cores vivas e a tristeza de um filho amantíssimo desse mesmo solo.

Dedilhando mentalmente a lira, ele cantou em:

A Jangada

Mal o clarão da aurora rompe a bruma
E densa escuridão da madrugada,
Aos repuscos das ondas, a jangada,
Serena e afoita, a branca vela enfuna.

O dorso encrespe o oceano e o vento zuna,
– Segue aos vaivéns d'água convulsionada,
E sobe e desce aos ímpetos de cada
Vaga e à mercê dos mares se afortuna.

Parte e se some... À tarde, é de ver que ela
Volta afrontando a fúria da procela
Antes que a luz do dia se dissipe...

Volta encurvando a asa da vela; suste-a
A ira do mar, – volta, ao poder da angústia
Da saudade sem fim do Mucuripe.

De igual modo procedeu em:

A Seca

Ceará. Pleno sertão. Agosto. Um sol de brasa
Queima impiedosamente o ventre da floresta.
O ar, pesado, asfixia. O espaço nem uma asa
De ave corta. A adustão flores e frutos cresta.

Fuzila o dia. Em fúria, o vento, dentre a fresta
De abertas rochas, silva. À sede que o abrasa,
O touro escarva o chão e ao mormaço da sesta,
A dor da planta à dor dos pássaros se casa.

Nenhum riacho a colear o amplo seio do bosque.

É ardente o solo, é murcho o arbusto, é triste o prado
E nenhuma hera ao tronco anoso há que se enrosque.

Calma. Pela esplanada apenas se ouve o pio
Dos anuns e o mugir convulsivo do gado,
Sob a cáustica luz desses dias de estio.

"A Jangada" e "A Seca" são como cópias do natural, primando pela exatidão, a exemplo de Gonçalves Dias na "Canção do Exílio", que soube justapor os fatos, fielmente observados, aos vocábulos, circunstância assinalada, sobre o famoso poema do vate maranhense, por Cassiano Ricardo. Há, nos dois sonetos, uma beleza simples, correspondendo ao conceito de que "a beleza, gêmea da verdade, é força e graça na simplicidade".

Os atributos intelectuais de Mário Linhares não constituíam o seu único tesouro. A sua alma bondosa o fazia dedicar-se ainda a relembrar, estudar e exalçar os companheiros irmãos do mesmo ofício, mortos e deslembrados pelos coévos. Assim, ocorreu, principalmente, com a publicação de **Poetas Esquecidos**, um escrínio de saudades. Nunca pôde esquecer também os seus colegas que tombaram cruelmente assassinados, Augusto de Oliveira, poeta e magistrado, Carlos Gondim, o másculo e atormentado autor de **Poemas do Cárcere**, e o helênico Mário da Silveira, de memória imorredoira desde a edição de **Coroa de Rosas e de Espinhos**, onde, em verso lapidar, se sublimou, dizendo que "Há sempre um dia mais para quem ama".

Muito bem enunciou Stenio Lopes, quando escreveu: "esse grande coração de poeta, que é Mário Linhares...".

Não será exagero qualificar a alguém, cujo estro levou a produzir jóias, tais "A Jangada" e "A Seca", como grande poeta. Sem dúvida, tiveram razão Olavo Bilac, destacando o seu alto lirismo e o seu alto apuro da linguagem, e Alberto de Oliveira, o considerando, além de poeta, pensador e filósofo.

O insígne intelectual não tomou parte na revolução modernista nem lhe foi hostil.

Na idade provecta, voltou Mário Linhares às plagas natais, onde mereceu ser festejado. Não lhe foi possível, porém, continuar a aqui viver, como tanto desejara, para melhor rememorar os seus "dias de menino", os seus "castelos feitos na areia...".

Ao atingir a sétima década de vida, dedicou à esposa bem-amada um:

Madrigal dos Setenta Anos

Setenta anos de vida! Setenta anos!
De lutas, provações e desenganos!
Não fosse a luz do teu amor, querida,
E o milagre feliz do teu carinho
Não chegaria ao píncaro da vida.

E ficaria no meio do caminho
Como um rio perdido na planície
Que não alcança o mar...

Vitória-régia aberta à superfície
De um lago azul, em noite de luar,
Sorrindo, abres-me os braços
Para amparar-me os passos,
Ao longo desta extensa caminhada...

Nesta hora vesperal,
Na ânsia febril de reflorir e amar,
Toda a visão sagrada
Do meu supremo ideal,
Todo o sonho que a mente me povoa
Vem da tua alma generosa e boa.

E bendigo a velhice,
À sombra augusta deste imenso amor,
Transbordante de enlevo e de meiguice,
Que é a razão de ser de minha vida
E, no esplendor
Dos meus melhores dias,
Encheu de rosas minhas mãos vazias,
E foi a minha redenção, querida!

Era o seu canto do cisne.

E depois?

Numa hora triste de dezembro – muitos anos são passados – um poeta, sem se ausentar do parnaso, entrou no céu.